

VARIAÇÕES TERMOHÍGRICAS NO COMPLEXO HABITACIONAL DEOCLÉCIO ARTUZZI (I E II) E HARRISON DE FIGUEIREDO (I, II E III), DOURADOS (MS): UMA ANÁLISE DO OUTONO DE 2016

SANTOS, Deives Gabriel Bortolanza¹ (deives_gabriel@hotmail.com); SILVA, Charlei Aparecido² (charleisilva@ufgd.edu.br);

¹ Discente do curso de Gestão Ambiental da UFGD – Dourados; PIBIC/UFGD;

² Docente do curso de Geografia da UFGD – Dourados;

As mudanças climáticas, os padrões arquitetônicos impostos, a rotina da vida das pessoas, as atividades antrópicas e os impactos ambientais decorrentes do acelerado e desordenado crescimento urbano são apenas alguns dos temas iniciais quando se trata de estudos de clima urbano e do conforto térmico. Assim a presente pesquisa teve o objetivo de discutir e compreender as variações termohígricas do complexo habitacional Deoclécio Artuzzi (I e II) e Harrison de Figueiredo (I, II e III), localizados na cidade de Dourados (MS), por meio do cálculo do Índice de Desconforto Térmico (IDT). O estudo permitiu identificar em seis residências deste conjunto habitacional longos períodos cujos valores de temperatura e de umidade relativa não são favoráveis ao ser humano, seja para realização de atividades laborais, de lazer ou mesmo de descanso. Durante a pesquisa primou-se por registrar a temperatura e a umidade relativa na escala horária por meio termohigrômetros. Os dados registrados no interior das residências foram calculados segundo a equação do IDT e posteriormente comparados com os dados oficiais da estação meteorológica da Embrapa Centro-Oeste. Foram analisadas as temperaturas e umidades relativas absolutas em três episódios no decorrer dos meses de abril e maio do outono de 2016. Concluiu-se que o IDT em cada residência parte desde um nível no qual menos de 50% da população sente desconforto a níveis onde o desconforto térmico é caracterizado como um desconforto muito forte e perigoso, o que pode ser considerado uma consequência da expansão do perímetro urbano da cidade e a aglomeração dos bairros nas extremidades da cidade, um crescimento urbano que não leva consideração à manutenção e a criação de espaços verdes. É preocupante o quadro identificado, o estudo diz respeito ao outono, no verão as condições, o IDT, pode indicar um quadro ainda mais grave. Verificou-se que as construções, as habitações populares analisadas no estudo, não oferecem o mínimo de conforto térmico, apresentam-se senão como um mero espaço para que populações de baixa renda, *uma casa para morar e instalar seus bens móveis*. Além disso, os padrões construtivos que são impostos atualmente não contemplam a ideia das medidas alternativas de construções sustentáveis que podem minimizar o desconforto térmico nas residências. O uso de materiais adequados, que não absorvessem tanta energia e irradiasse uma quantidade menor de calor seria uma das alternativas viáveis, considera-se a escolha do material construtivo uma ação simples diante dos recursos que podem ser utilizados para mudar esta realidade. Essas medidas tornam-se efetivas quando articuladas com outras, ações locais devem visar acima de tudo contribuir para a solução de problemas globais, deve haver uma conexão, nesse quesito o clima apresenta-se como prioritário nesse século XXI - diversos programas da Organização das Nações Unidas indicam essa necessidade.

Palavras-chave: Variações termohígricas; conjuntos habitacionais; clima urbano/Dourados (MS).